

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Salivante pela estreia de “O Agente Secreto”, que rendeu quatro prêmios ao Brasil no Festival de Cannes e só entra em circuito em 6 de novembro, o cinema nacional anseia por um novo blockbuster neste ano em que ganhou seu primeiro Oscar, com “Ainda Estou Aqui”. O drama de Walter Salles chegou à marca de 5,8 milhões de ingressos vendidos ao mesmo tempo em que a produção brasileira mobilizou salas de exibição com “O Auto da Compadecida 2” e “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa”.

O próximo título com fôlego (e excelência) para vender pincas de ingressos é “A Melhor Mãe Do Mundo”, de Anna Muylaert, que teve sua primeira sessão mundial no início de fevereiro, na Berlinale, na Alemanha. O mais recente longa-metragem da realizadora de “Que Horas Ela Volta?” (2015) passou pela prova de fogo da adesão popular ao abrir o Cine PE, no Recife, há uma semana e se salpicar de elogios enquanto arrumava malas para tentar a sorte no Festival de Gualajara, no México.

A atriz Shirley Cruz é seu aríete para abrir telas... e derreter corações... numa interpretação para ficar na memória. O lançamento do drama arejado por sorrisos e aventuras que ela protagoniza vai ser só em 7 de agosto, mas uma campanha de eficiência notável já se faz rolar, a começar da maratona cinéfila pernambucana.

Na capital de Pernambuco, ela cravou: “O que está cidade tem feito pelo cinema nacional é muito significativo, e temos orgulho de mostrar nosso filme aqui”.

Enquanto corria mundos à frente de “Alfazema” (2019), um dos títulos de maior vigor do curta-metragem nacional, Shirley brilhou em novela (como Gláucia, em “Bom Sucesso”) e deu o ar de seu talento no único filme brasileiro (ainda que de diretor americano, Paxton Winters) a ganhar a Concha de Ouro de San Sebastián, “Pacificado”. Credenciais (e vigor



Divulgação

Atuação estonteante da atriz Shirley Cruz em ‘A Melhor Mãe do Mundo’ pode consagrar o novo filme de Anna Muylaert no imaginário popular

Gestação de um potencial **SUCESSO**

Depois de abrir sua trajetória mundial na Berlinale com apoteótica atuação de Shirley Cruz, ‘A Melhor Mãe Do Mundo’, de Anna Muylaert, inicia sua trilha para arrebatador o Brasil

Rodrigo Fonseca



A atriz Shirley Cruz e a diretora Anna Muylaert durante passagem pela Berlinale

dramático) ela tinha de sobra para encarar o papel principal de “A Melhor Mãe do Mundo”, que extraiu lágrimas e sorrisos da Berlinale.

No Festival Internacional de Cinema de Guadalajara, um dos mais prestigiados da América Latina, “A Melhor Mãe do Mundo” foi reconhecido com três prêmios: Melhor Interpretação, para Shirley; Melhor Roteiro, para Anna

Muylaert; e Melhor Fotografia, para Lílís Soares. Já no CINE PE, um dos mais importantes festivais do circuito nacional, o longa saiu consagrado com cinco prêmios: Melhor Filme – Júri, Melhor Roteiro (Anna Muylaert), Melhor Atriz (Shirley Cruz), Melhor Atriz Coadjuvante (Rejane Faria) e Melhor Montagem

Faz tempo que a Berlinale abre

apoteoses para nossas intérpretes, vide Marcélia Cartaxo (“A Hora da Estrela”), Ana Beatriz Nogueira (“Vera”), Carla Ribas (“A Casa de Alice”), Maria Ribeiro (“Como Nossos Pais”) e a diva das divas, Fernanda Montenegro, premiada lá, em 1998, com “Central do Brasil”. Shirley se junta agora a esse bonde, num trabalho de composição doce, sem ações bruscas, que lembra a

interpretação da cantora congolês Véro Tshanda Beya Mputu em “Félicité” (Grande Prêmio do Júri no evento alemão, em 2017). Sua cumplicidade com as demais atrizes em cena (sobretudo com Katiuscia Canoro) se faz notar por engasgos, mágoas represadas em silêncios e olhares fuuuuundos.

Lá se vão nove anos desde que Anna Muylaert estreou “Mãe Só Há Uma” no Panorama da Berlinale e, nessa sua volta, amparada na fotografia de Lílís Soares, ela constrói uma mistura de “Noites de Cabíria” com “O Cortiço”.

Aspereza e desilusão

Os trejeitos de arlequina de Giulietta Masina saltam à cabeça quando Gal, uma catadora de material reciclável (interpretada por Shirley) aparece pela primeira vez, numa delegacia, num apelo à Lei Maria da Penha, a fim de relatar a violência de que foi vítima em seu lar. Traz uma ferida no rosto, à altura do olho, decorrente de uma carraspana do marido, o segurança Leandro, (Seu Jorge), que vira uma besta-fera ao se encher de cerveja. No empenho para fugir dele, ela coloca seus filhos pequenos em sua carroça e atravessa a cidade de São Paulo. Pelo caminho, enfrenta os perigos das ruas enquanto tenta convencer as crianças, Rihanna e Benin, de que estão vivendo uma aventura em família.

“A Vida É Bela” (1998) é outra referência que brota de nossa cinefilia frente ao que a realizadora Anna Muylaert nos dá, mas os caminhos percorridos por essa realizadora não dão espaço ao estratagemático que Roberto Benigni explorava tão bem. No filme da cineasta de uma SP corinthiana sobrepõem-se a aspereza e a desilusão. Bem Cabíria mesmo...

Lourenço Mutarelli, maior quadrinista vivo do país, autor de “A Confluência da Forquilha” e do romance “O Cheiro do Ralo”, tem seu quinhão de holofotes na narrativa, como o frentista que Gal enxerga como um paizão. Pena não estar concorrendo a prêmios. Shirley merece um pela retidão. Da mesma forma, o longa é merecedor de plateias inchadas de gente.